

As necessárias inconclusões da Esquizoanálise – Experiências de formações transinstitucionais

por KELLY DIAS VIEIRA, ANDRE MIRANDA, ANDRÉ ROSSI

Abstract

This work was conceived in a conversation circle at the III International Meeting of Schizoanalysis in October 2018. The paper reports on the professional and formative practice of three brazilian psychologists, a women and two men, proposing reflections on what is forming them as schizoanalysts. This reflection aims to understanding what is common to these unique experiences. Walking through formative drifts, that encompass the university, systematized courses and groups as well as works materialized in the school, in the therapeutic accompaniment, in the clinic, in the streets and with groups and other institutions, the authors try to trace in the formative singularities, a common, which is not set in a model to be replicated.

Introdução

O presente trabalho originou-se da apresentação de uma psicóloga e dois psicólogos brasileiros no III Encuentro Internacional de Esquizoanálisis em Belo Horizonte, Canelones no Uruguai, relatando fragmentos de suas práticas e trazendo reflexões sobre o que os forma enquanto esquizoanalistas, de maneira que seja possível refletir sobre tal processo de formação e compreender o que de comum atravessa essas experiências singulares. Em se tratando de uma roda de conversa, a apresentação se constituiu em mutualidade. Foi uma roda em que pesquisa e intervenção compuseram a cena, de forma que o que é expresso no presente artigo inclui as contingências, a configuração grupal que compareceu com a qual contamos para as problematizações disto que relatamos.

No Brasil a formação em esquizoanálise, na maior parte de sua ocorrência, se faz de forma assistemática, não havendo órgão ou instituição que referende um profissional enquanto esquizoanalista. Ainda que haja instituições que ofereçam cursos e especializações sobre o tema, não há entre estes que se reconhecem esquizoanalistas, consenso se deveria haver uma tal formação institucional ou se a fluidez de uma transdisciplinaridade é suficiente, o que gera uma série de conflituosas. De toda forma, quem faz escola e quem se posiciona contra, fala desde a perspectiva de um trabalhador da subjetividade cuja formação se constituiu por atravessamentos desse campo. Como?

Para pensar tal questionamento propomos trazer o relato de três experiências de formação distintas que se constituíram transinstitucionalmente e problematizar os

efeitos dessa formação na prática profissional do psicólogo, considerando que no Brasil a esquizoanálise se infiltrou mais pelo campo da psicologia do que por outras áreas, enquanto possibilidade de intervenção clínica e institucional, embora haja produções na pedagogia, na filosofia, nas artes, na literatura e até mesmo na geografia.

Derivas Formativas

- **O Escolar**

Sou psicólogo e mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense, que fica na cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro, Brasil. Trabalhando atualmente em uma escola construtivista e na clínica esquizoanalítica, tanto em consultório como na modalidade de Acompanhamento Terapêutico.

Ao falar de formação começamos do princípio, meu estágio na graduação teve como base a filosofia da diferença, nele estudei e debati alguns textos da obra de Deleuze e Guattari, um estudo que me motivava e me apoiava nessa primeira experiência de atendimentos clínicos, porém, não traçava um caminho pré-determinado de como me tornar um clínico, tampouco um esquizoanalista.

Essas leituras desconstruíam pressupostos, montavam esquemas de pensamento, mas não se propunham a criação de territórios perenes e permanentes, havia uma aposta na fluidez e na singularidade.

Como é possível formar de forma fluida? Parecia-me algo descabido. Isso pois na concepção tradicional, a qual ainda era muito acostumado, formar é produzir um acabamento, um inteiro nos moldes de nosso espaço-tempo. Muitos processos de formação são ainda guiados pelo que Moraes (2010) apresenta como Realismo Euro-americano que se trata da compreensão da realidade enquanto plano preexistente ao sujeito que busca conhecê-la. Nessa forma de compreensão, estando a realidade dada cabe ao sujeito do conhecimento desvelar sua ordem e acessar a compreensão e o conhecimento sobre os objetos que transitam nessa realidade, marcados os artigos em maiúscula, pois, seguindo o ponto de vista do realismo euro-americano, só há essa realidade pré-determinada a ser encontrada quando algum sujeito se aventura na busca por conhecimento. O processo cognitivo é apresentado então como ação de um sujeito de estruturar a forma de representação de algo que já existe no plano da realidade, conhecendo assim seu objeto. Essa é uma proposição desenvolvida e aceita a partir da modernidade e do desenvolvimento da Ciência moderna, a qual teve como base discursiva fundamental ao longo dos últimos séculos autores europeus e norte-americanos (Moraes, 2010).

Porém, essa perspectiva segundo a qual a realidade é algo independente de nós, sujeitos do conhecimento, e portanto neutra e dada, é insuficiente ao levarmos em conta

o que se apresenta do ponto de vista das experiências nos estudos da subjetividade. A experiência da clínica nos lança ao encontro do caráter inconcluso do humano, em constante elaboração, não sem razão ao longo do último século se estruturaram espaços de formação nas mais diversas abordagens clínicas em que o saber clínico é construído ao atender e estar em análise ou terapia, com a leitura de obras clássicas e com o dispositivo de supervisão por um analista já experimentado. Em que a esquizoanálise difere desse sistema? A nosso ver, um ponto de interesse para a reflexão está no caráter coletivo ou grupal dessa formação. Uma aposta na produção de conhecimento coletivo, um aprendizado de grupo e em diversos grupos.

Considero que no momento presente minha formação enquanto esquizoanalista segue se desenvolvendo no trânsito entre a Universidade, os atendimentos, as supervisões e a escola. Escolho compartilhar com os presentes experiências vividas justamente nessa última instituição: a escola.

Como psicólogo escolar realizo um trabalho com rodas de conversa semanais nas turmas de seis a dez anos, visando construir um espaço de escuta e manejo das relações do cotidiano, para que essas possam ser colocadas e trabalhadas pelas crianças nesse processo de constante aprendizado que é o estar em relação com o outro.

Na turma de dez anos há um aluno que nomearei de Juan aqui. Juan tem dificuldades sociais grandes, é acompanhado por psicóloga e psiquiatra e está com a turma já há três anos. Quando realizamos as rodas de conversa ele participa, às vezes com dificuldades. Incomoda-se quando alguma ação sua é criticada ou quando algo ou alguém de que gosta é colocado em questão.

Nesses momentos a própria turma de alunos realiza a mediação, acalma o aluno e o ajudam a organizar as ideias, muitas vezes me auxiliando nesse processo. Quando essa mediação se torna mais difícil, as crianças indicam que ele espairose no espaço externo um pouco e, se desejar, volte para a discussão.

A voz das crianças no grupo flexibilizam as regras da instituição e criam um funcionamento coletivo que leva em conta as singularidades de Juan.

Como faço parte desses momentos, tenho a compreensão de que aprendo e me formo com eles. É um esforço para a composição de um espaço de formação dialógico e democrático, como indica Paulo Freire (2016). Um diálogo que só é possível na manutenção da diferença, pois não se deseja uma condição de igualdade plena onde um sujeito seria o mesmo que outro. “Não penso autenticamente se os outros não pensam. Simplesmente não posso pensar pelos outros, nem para os outros nem sem os outros” (Freire, 2016, p.162).

Concluindo essa primeira reflexão, compartilho um outro momento com Juan, o qual foi relatado no III Encuentro Internacional de Esquizoanálisis. Durante uma reunião de professores em que eu participava fui chamado a atender Juan, que estava na coordenação aos prantos. Seguiu-se o seguinte diálogo:

- *O que foi, Juan?*

- *Não consigo mais estou cansado da escola. Gosto muito de vocês mas acho que vou ter que ir embora da escola, pode ligar para minha mãe?*

- *Como assim?*

- *Ouvi dizer que há escolas mais fracas... talvez eu precise de uma dessas, que não passe deveres e seja menos cansativa. (Vale colocar que a instituição em que trabalho é uma escola que tem um Recreio de cinquenta minutos e não passa tarefas de casa para os fins de semana por defender que a criança precisa de momentos de ócio.)*

- *Não acho que seja para tanto Juan, por que não volta para sua sala? (O menino respira fundo e olha em meus olhos)*

- *Você não está me entendendo mesmo? (Depois de me encarar por alguns segundos se levanta irritado e sai da coordenação, o sigo e peço desculpas se fui desatento)*

- *Isso começou quando eu tinha oito anos, no terceiro ano. Começaram os deveres. Ano passado aumentaram e esse ano aumentou mais ainda! Ano que vem irei para o sexto ano e haverá matérias novas! E depois ainda tem vestibular, faculdade, trabalho, (ele voltou a me olhar profundamente nos olhos nesse momento com um semblante de angústia) André, quando a gente volta a ter tempo de ser feliz?*

- *... (Fico em choque com a pergunta por alguns segundos) bem Juan, como você acha que podemos melhorar essa situação?*

- *(Ele se levanta e abre os braços olhando para a área com árvores a sua frente) o melhor dessa escola é o contato com a fauna e a flora, e querem que eu fique dentro de uma sala copiando deveres!*

- *Verdade, um bom ponto. Mas a sua professora é bem flexível, né? Tenho certeza que se a gente propor ela pode dar uma aula em uma das trilhas, fora da sala, o que acha?*

- *Acho que seria ótimo, mas não sei se é o bastante para garantir a nossa felicidade.*

- *Bem, você pode voltar para a sala de aula e propor isso pra ela. O que acha? (Podemos observar que é a segunda vez já que tento resolver a situação trazendo ele para o funcionamento institucional padrão)*

- *Acho que não. Prefiro ficar por aqui mesmo.*

- *Bem, eu tenho que voltar para a reunião, Juan...*

- *Tudo bem, pode ir, não precisa mais ligar para a minha mãe. Vou ficar nessa escola mesmo.*

- *E por que não volta pra sua aula então? (Fiz de novo)*

- *Prefiro ficar aqui admirando a liberdade da fauna e da flora.*

- *Juan, você acredita mesmo que essa árvore aí é mais livre que você?*

- *Sim! (Responde sem dúvida)*

- *Você sabe que ela nasceu aí, cresceu, e nunca poderá sair daí, certo?*

- *Sei sim, mas ninguém fica pedindo para ela fazer o que não consegue!*

...

Escolhi compartilhar esse relato no encontro pois ele diz de minha dificuldade de romper com o plano instituído na escola, mesmo sendo esse meu desejo a princípio. Juan

me falava de suas dificuldades e anseios com um sistema de formação que é maior que uma escola específica e perpassa diversos espaços de formação, afetando tanto alunos como profissionais da educação, mas que cotidianamente relevamos em prol da manutenção do funcionamento institucional. Por que isso? A partir desse disparador eu e os demais participantes do encontro de esquizoanálise discutimos na roda de conversa a importância de espaços Coletivos para uma formação transinstitucional, ou seja que não se fundamenta em uma instituição que prediga as ações dos indivíduos, mas que nos apoie a constituir uma ética e uma prática que atravesse os diversos espaços em que estes sujeitos atuem. Pensamos então uma ideia de formação que para além de instrumentalizar e constituir um corpo de psicólogo questiona na prática nosso papel de perito. Lembrando uma das direções construídas na análise institucional brasileira de atuar na sustentação de uma profissão que opera ao estar permanentemente em crise (Rodrigues & Souza, 1991) ou seja, ao falar de esquizoanálise tratamos de uma formação da qual necessariamente faz parte uma inconclusão, uma incompletude, pois nossa atuação se dá com essa zona de incerteza. A formação do esquizoanalista se constitui dessa maneira como uma agonística: caminham juntas e tensionadas a teoria e técnica psicológica e a incerteza do trato com as relações humanas que nos força a colocar-nos a nós mesmos e a nossas mais caras instituições em análise.

Formar para a incompletude, para movimentos que transbordam o instituído e o previsível, eis o desafio. Defendemos que as respostas possíveis para tal questão não se encontrarão sob a égide de uma única instituição ou coletivo de práticas; Percebemos que estes que se denominam esquizoanalistas se formam em trânsito, utilizando as perspectivas e posições diversas das instituições pelas quais transitam para estranhar a si e a elas próprias. Apostamos, portanto, que isso torna-se possível na medida em que este sujeito esquizoanalista se forma compondo coletivos através destas instituições, de maneira que o viés do que se torna instituído não se solidifique em dogma na prática cotidiana dele próprio. Se formar deixa de ser um exercício solitário do indivíduo e passa a ser um movimento dialógico de constante envolvimento com o outro.

- **O Acadêmico**

Sou psicólogo, doutorando no programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal Fluminense, cidade de Niterói, estado do Rio de Janeiro. A minha tese atualmente é o que eu chamei de uma busca: “Em busca da esquizoanálise: experiência clínica, formação e teoria”. Também sou supervisor clínico-institucional, fruto direto dessa formação que queremos pensar com vocês. Como dizíamos, no Brasil, a formação em esquizoanálise, sendo uma formação não-universitária, na maior parte de sua ocorrência, se faz de forma assistemática, não havendo órgão ou instituição que referende um profissional enquanto esquizoanalista. Ainda que haja, por outro lado,

instituições que ofereçam cursos e especializações sobre o tema, não há entre o campo de trabalhadores que se reconhecem esquizoanalistas, consenso se deveria haver uma tal formação institucionalizada ou não. Esta não será uma fala que demanda consenso ou regulamentação, mas que problematiza polos muito rígidos: de um lado, rejeitar uma formação e de outro sistematizá-la completamente.

Para iniciar, quando se pensa em formação em psicologia (universitária) ou psicanálise (não universitária), se nós perguntarmos a qualquer estudante ou profissional de psicologia sobre a formação dos clínicos, certamente haverá certo consenso vindo da experiência de que para se formar é necessário haver três elementos: a) sua psicoterapia/análise pessoal; b) estudar, ou seja, o papel da teoria e das aulas na formação e; c) fazer supervisão dos casos clínicos que são atendidos. Esse modelo que habita nosso imaginário tem seu momento de criação. O assim chamado tripé formativo é um modelo extraído da experiência do primeiro instituto de psicanálise de Berlim em 1926 (Kupermann, 1996; Roudinesco, 1989).

Falando então de formação - formatos e fluidez - sendo a proposta dessa conversa também uma pesquisa, quero relatar duas experiências de formação: a minha própria, fazendo coro com meus outros dois colegas, e a da instituição que se apresenta como objeto da minha pesquisa atual.

No ano de 2000 iniciei um estágio em Acompanhamento Terapêutico numa instituição particular que se abrigava numa casa de um bairro menos habitado na cidade Niterói. Os pacientes majoritariamente autistas e psicóticos viviam naquela casa, aparentemente uma casa de classe média alta com piscina e dois andares. O trabalho passava por conviver, entrar na organização da casa e sair dela, o tanto quanto possível, para passeios regulares. Essas saídas fizeram com que a vizinhança, acostumada com a paz do lugar, começasse a se relacionar com os habitantes da casa, embora inicialmente tivesse ocorrido um certo movimento de tentar retirar a instituição do local. A entrevista para admissão no estágio foi feita nesses arredores, quando o supervisor rodeado por cerca de seis pacientes, me deixou a cargo de alguns, um deles cego, ao mesmo tempo em que conversava comigo sobre o funcionamento da casa e do estágio. Fui recebido em ato pela dinâmica inclusiva, questionadora dos padrões, conectada à prática do AT e à reforma psiquiátrica brasileira. Práticas desestabilizadoras e produtoras de novas reverberações corporais, quando um daqueles pacientes me relata que havia defecado, colocando a mão dentro da calça e me mostrando em sua mão o produto da sua façanha. Por sua vez, as supervisões e os grupos de estudos, eram norteados pelos textos de Deleuze e Guattari e ocorriam no meio da sala, estando exposta às interferências e contribuições dos moradores. Concomitantemente, na universidade, existia todo aparato de teorias e experiências dentro da faculdade de psicologia, sendo a largamente influenciada pela Esquizoanálise, Psicanálise e Análise Institucional. Já no ano de 2002, entrei no estágio em clínica transdisciplinar, no qual o dispositivo da supervisão clínico institucional em grupo era o principal vetor formativo. Adotávamos na supervisão, algumas pistas cunhadas por

Guattari (2004a; 2004b) em seus primeiros escritos, a saber, aquelas sobre a distinção entre grupo sujeito e grupo sujeitoado e o modo de operar da transversalidade, para uma atitude ético-política com grupos: a direção grupal é a da experiência de sujeito ou o aumento do quantum de transversalidade na possibilidade de circulação da palavra através da esconjuração dos centripetismos. Portanto, entendíamos o grupo na supervisão das seguintes formas: a) singular. A construção do sentido do caso clínico não é replicável. É uma experiência e não um experimento; b) o grupo pode ser efêmero – não se quer infinito – acolhendo a pista guattariana do grupo sujeito poder incluir sua morte; c) deve poder comportar experiências de não-sentido, cuidando do ímpeto de dar sentido a tudo e da angústia do não-sentido; d) Poder lidar com a experiência de não haver consenso. Manter assim a experiência do dissenso como produtiva, cuidando para que isso não se iguale a dissidência ou ruptura. Além disso, pode assim manter linhas plurais de entendimento dos casos.

Após a saída da universidade, o grupo de supervisão do qual eu participava, inicialmente forjado na cogestão com o professor supervisor, acessa outra autonomia para embarcar numa experiência fora da universidade que durou nove anos em encontros semanais de três horas de duração. Foram nove anos de supervisão clínico-institucional em grupo autogestiva. Destaco portanto, em minha trajetória essas três linhas formativas: estágio em AT, estágio em clínica transdisciplinar (que pode ser chamada de esquizoanálise perfeitamente) e a experiência de supervisão clínico-institucional em grupo primeiramente em co-gestão e posteriormente em auto-gestão.

Essa história formativa na verdade não finaliza assim e nem se reduz às linhas em destaque, porque posso incluir sempre mais: alguns grupos de estudos, outras experiências singulares, o próprio doutorado ou mesmo esta exposição e as devolutivas dos interlocutores. A clínica exige formação e não formatura. Com essa afirmação, sigo mais um pouco, incluindo meus estudos atuais nessa deriva formativa.

Atualmente tenho como objeto de pesquisa uma instituição que foi criada no Brasil no ano de 1978, o Instituto Brasileiro de Psicanálise Grupos e Instituições (Rodrigues, 2011). Nesta instituição, que eu estudo para fins de entender a entrada da esquizoanálise no Brasil, não existia propriamente formação em esquizoanálise em seu programa inicial. Em primeiro lugar, porque o Anti-Édipo havia sido escrito apenas seis anos antes e nem o Mil Platôs existia. Em segundo lugar, segundo as próprias palavras de Barenblitt, não havia campo para esquizoanálise num terreno dominado naquela época pela psicanálise. Através da análise das entrevistas com os egressos do IBRAPSI, do Jornal Institucional - Sigmund - editado no ano de 1981 e dos cadernos de aula, quero compartilhar com vocês apenas um resultado, aquele se refere ao modelo formativo que o IBRAPSI trazia. Ele trazia uma proliferação ou hibridização do que já se conhecia, acrescentando outros dispositivos para uma formação híbrida em psicanálise, grupos e instituições. Havia a análise em grupo, embora pudesse se optar por individual; Seguida pela supervisão em grupo, embora ainda não se possa saber se compunha com as pistas faladas

anteriormente. De toda forma, diferia do modelo berlinense. Em seguida, existiam as aulas e um tipo de dispositivo anexo, produtor de coletividade, os grupos operativos (criação singular de Pichón-Rivière) que tinha como meta discutir o conteúdo das aulas. Por último, as assembleias gerais que tinham função deliberativa e formativa, seguindo a tradição militante de seus criadores. Isso revolucionava o tripé formativo da IPA, das escolas filiadas e mesmo de algumas já em ruptura.

Diante da exposição da minha trajetória, da exposição da pesquisa em andamento e dos elementos que meus colegas trazem é necessário nos perguntarmos que tipo de formação queremos ter e oferecer em esquizoanálise. Perguntamo-nos se esta formação se baseia num modelo que pode ser reproduzido ou teremos que pensar a partir dessas singularidades regionais, situacionais e existenciais um dispositivo móvel de formação que difere entre si intrainstitucionalmente e, além disso, se afirma na passagem entre instituições, o que demonstra que a formação em esquizoanálise é, por experiência, transinstitucional.

• A Esquizodramatista

Sou psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica em 2006, realizei o mestrado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, em um programa de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência em que estudei a intersectorialidade entre políticas públicas de saúde mental e de assistência social em um município brasileiro, e atualmente sou bolsista CAPES¹ no doutorado em Psicologia pela mesma instituição que me graduei. Como a minha experiência de formação difere bastante da experiência dos meus colegas, optamos que minha exposição tanto no III Encuentro de Esquizoanálisis quando no texto, viesse por último.

Sem a intenção de propor um texto “autobiográfico”, e, pensando na proposta da cartografia, que “só pode ser pensada como método se entendermos método como aquilo que nos faz compreender a nossa potência de conhecer” (Lieberman e Lima, 2015, p.183) e concordando com Romagnoli (2009) quando aponta que na tentativa de lidar com a complexidade, a cartografia propõe, uma reconexão entre a pesquisa e a vida, sustentada na invenção e na implicação do pesquisador, é que se faz necessário, trazer uma breve narrativa de uma trajetória formativa que se fez formal e informalmente, bem como os afetamentos acessados e vividos a partir desses encontros.

Imediatamente após a graduação, em 2007, iniciei um curso de especialização em Análise Institucional, Esquizoanálise e Esquizodrama: clínica de grupos, indivíduos e redes sociais no Instituto Félix Guattari em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. O

¹ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Instituto Félix Guattari foi fundado por Gregorio Baremlitt² no ano de 1996. Fui integrante das primeiras turmas da especialização ofertada durante 20 anos pelo instituto e experimentei além dos estudos e discussões sobre Análise Institucional e Esquizoanálise, a teoria e a prática do Esquizodrama³ com o próprio Baremlitt, seu inventor. Assim, posso dizer que tenho um “diploma” de esquizoanalista, pois o curso de especialização, reconhecido pelo Ministério da Educação, me forneceu um título de “especialista” nas temáticas citadas acima. Entretanto, sem a intenção de desvalorizar a academia, o título de especialista, que é no mínimo contraditório, diante essas áreas do conhecimento, se fez menos útil como formação acadêmica, do que se fez para a formação da vida, por esse motivo, priorizei este relato.

Minha turma foi uma das primeiras dessa experiência singular de formação que serviu principalmente para a realização de bons encontros e para me tirar da solidão em relação à escolha teórica que fiz no último ano de graduação que foi pela Esquizoanálise. A turma era muito diversificada, tinha profissionais da psicologia, medicina-psiquiatria, enfermagem, serviço social, nutrição, artes plásticas, música, dentre outras e as pessoas vinham de várias regiões do Brasil. Tinha também um uruguaio. Saindo de uma universidade católica, em que aulas de Cultura Religiosa são obrigatórias na graduação, a experiência de assistir aulas em um lugar que não tem mesas nem cadeiras, mas, tapetes e almofadas convidando o corpo e não só a razão para o processo de aprendizagem, foi extremamente desterritorializante, além do formato diferenciado das aulas e das experiências corporais que vivenciávamos nos esquizodramas.

A formação em Psicologia que experimentei não incluiu estudos que abordassem as questões corporais e foi bastante influenciada pela psicanálise lacaniana. Esse é um fenômeno que pode ser observado em muitas universidades brasileiras. Isto certamente não se configuraria um problema se houvesse maiores possibilidades de diálogo ou se fossem providenciados espaços que oferecessem essa troca. O que observamos em nossa prática com a psicologia em diversos campos (políticas públicas de saúde, assistência social, educação, etc) é uma reprodução de reducionismos e pouca possibilidade de diálogo e acreditamos que uma formação de cunho mais individualizante pode gerar consequências preocupantes e até mesmo no âmbito do ensino sobre o que é a Psicologia, ainda mais em um contexto em que uma onda conservadora assola o Brasil e o mundo, como podemos acompanhar nos noticiários internacionais.

No Brasil, temos podido observar um crescimento de projetos de lei e propostas de intervenções no âmbito legal, envolvendo diretamente a Psicologia como o projeto de

² Médico psiquiatra argentino, analista institucional, graduou-se na Escola de Psicologia Social de Pichón-Rivière. Exilado no Brasil em 1977, separou-se da Associação Psicanalítica Argentina, junto com o grupo Plataforma da Argentina, do qual foi sócio-fundador, fundou em Buenos Aires a Escola de Psicologia Freudiana e Socioanálise (EPFSO). No Brasil, foi sócio-fundador do Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPS) e o Instituto Félix Guattari de Belo Horizonte.

³ Modalidade de intervenção esquizoanalítica, criada por Gregorio Baremlitt.

“Cura Gay”⁴, assim como em outros âmbitos da educação como o “Escola sem Partido”⁵. Estas questões, tem atravessado a prática profissional do psicólogo e promovem segregações que dificultam o diálogo e a convivência entre as diferenças, fortalecem a hegemonia das linhas e correntes teóricas e coloca ao profissional de psicologia desafios cotidianos que se relacionam à complexidade da vida e dos casos que aparecem nos consultórios, nos ambulatórios, escolas, etc. Infelizmente, não são raras as vezes que acompanhamos processos administrativos envolvendo psicólogos que tem atuando em causas que estão totalmente desconectadas dos direitos humanos, que é onde se baseia nosso código de ética profissional, como práticas da “cura gay”, conforme mencionado, dentre outras atrocidades.

Como pesquisadora e também pela minha atuação clínica, tanto nos grupos de estudo e supervisão que participo atualmente quanto nas práticas “clínicas” (Baremlitt, 2010), tenho participado e proposto discussões e ações que se aproximem da possibilidade de transversalidade (nem a verticalidade do poder, nem a mentira da igualdade), ou na lógica da equidade (ações diferenciadas para cada nível de necessidade), como prevê um dos princípios do SUS⁶.

Enquanto a palavra “clínica”, grafada com k, Baremlitt (2010, p.105) afirma que “as clínicas esquizoanalíticas, com k, obviamente, tem tudo a ver com o *clinamen*: desvio produtivo na queda dos átomos, que, segundo os atomistas, epicuristas e estoicos, gerava um encontro de trajetória que ‘criava’ o novo”, e não se relaciona com a etimologia da palavra clinos, que se relaciona com estar encostado, reclinado, passivo.

Atenta ao risco que se corre em se escolher uma vertente, dentro de tantas na área da psicologia, e consciente de que a Esquizoanálise nunca se propôs a esse lugar de detentora do saber absoluto, tenho observado no Brasil, práticas de psicólogos que distanciam grandemente clínica e política, teoria e vida. Diante disto, no desenvolvimento de minha tese de doutorado, colocam-se alguns questionamentos: Em que medida a concepção de subjetividade e os processos de subjetivação propostos pelos autores da Esquizoanálise podem contribuir para a formação em Psicologia? Estão se formando em Psicologia profissionais mais capazes de acompanhar os processos de subjetivação que intervir sobre individualidades? Que tipos de práticas são realizadas por psicólogos, que realmente sustentam a diferença? Estes questionamentos vem ao encontro da intenção de cartografar, nas práticas dos psicólogos, a possibilidade da Esquizoanálise se fazer um “respiro” diante tanto conservadorismo, equívocos e microfascismos que tem se consolidado e que perpassam nossas vidas, nossa profissão.

⁴ Trata-se do PL 4931/2016 é um projeto de lei que autoriza psicólogos a realizarem tratamentos e terapias visando a mudança de orientação sexual.

⁵ É um projeto de lei ultraconservador que se diz contra o abuso da liberdade de ensinar. O alvo deste projeto são os professores que segundo o mesmo devem ser monitorados pois estariam fazendo doutrinação ideológica dos alunos ao abordar temas como a ditadura militar brasileira, direitos sexuais, dentre outros.

⁶ Sistema Único de Saúde do Brasil, sancionado pela Lei 8.080 de 1990.

Um relato derradeiro, que gostaria de compartilhar, refere-se a uma prática que tenho experimentado nos últimos anos, que se fez inicialmente ao acaso, em um caso clínico que atendi, que foi a realização de atendimentos a alguns pacientes em local que extrapola o espaço do consultório: a rua. Tudo começou quando uma paciente disse se sentir oprimida pelas paredes do consultório e eu a convidei para sairmos juntas de lá. Desde então, passamos a nos encontrar em praças, cafés, restaurantes, locais públicos dos mais diversos e a ousar colocar nossos corpos em funcionamento a favor de um tipo de clínica que se propõe ética-estética e política na medida em que nos coloca em conexão com a cidade e com os encontros. Questões curiosas e imprevisíveis já surgiram nesse encontro com a rua, como por exemplo uma situação em que uma travesti que estava na mesma praça em que se realizava o atendimento, se sensibilizou ao perceber o choro da paciente e ofereceu um lenço a ela, saindo da invisibilidade que uma travesti em situação de rua ocupa em uma grande cidade, para entrar, também ela, no registro do cuidado, da cuidadora, de alguém que pode cuidar. Fato interessante é que essa possibilidade de transversalidade experimentada causou estranheza e foi criticada quando foi relatada em um congresso que participei em São Paulo, no ano de 2018, curiosamente, um congresso que abordava temas da esquizoanálise e de práticas alternativas, ou desterritorializantes. Esta experiência traz um pouco do que tenho trabalhado no doutorado e reafirma um conservadorismo que se mantém entre os psis, até mesmo em locais onde não são esperados, ou que se propõem mais abertos ao diálogo.

Acreditamos que a existência de resistência a práticas que se propõem menos associadas ao pensamento científico hegemônico, determinista, objetivo, neutro, parece produzir um fazer clínico que pode provocar adoecimento ao passo de que reduz as possibilidades de influência da exterioridade, de afetamentos, fazendo-se menos crítico e consequentemente menos político, menos conectado com a realidade, que é complexa e necessita de um esforço para além das pré-determinações acadêmicas e sociais para ser compreendida e vivenciada. Parece-nos importante que os profissionais acessem um processo formativo transinstitucional, que esteja mais aberto para o fora, para o exterior, para a invenção, a diferença para que seja produzida uma clínica, que se faça criativa e criadora de novidades, capaz de invenções multiplicárias, rizomáticas singulares a fim de contribuir para processos de subjetivação mais heterogêneos, singulares, produzindo outras narrativas, outros modos de subjetivação.

Conclusão

Nas três histórias que compõem este artigo, propomos experiências de reflexão para orientar a formação transinstitucional da esquizoanálise, no transitar do esquizoanalista através de instituições formais, como a Universidade, a Escola e a Clínica e também através de instituições abstratas, como o aprendizado, o acolhimento, a formação e o

acompanhamento. Talvez o leitor tenha uma experiência de velocidade acentuada por não entrar muitas vezes nos detalhes de cada trabalho, evento ou caso. De qualquer forma, a experiência de deriva formativa apresentada foi o objetivo, levando a formação na esquizoanálise a estar mais próxima daquela necessária inconclusão.

Assim, usando pseudônimos para diferenciar as três histórias: o escolar, o acadêmico e a esquizodramatista, trazem-nos experiências únicas que nos formaram e ainda nos formam como esquizoanalistas.

Na primeira história, a força com que Juan coloca em xeque tanto as certezas quanto os enquadramentos do psicólogo, reforça a importância coletiva da mediação que a classe exerce em relação a ele, enfatiza a predileção da esquizoanálise pelo trabalho e questionamento em grupos, coletivos e instituições.

No segundo relato, uma deriva formativa que une a graduação em psicologia, a profissão do AT, a importância da supervisão clínico-institucional em grupos e a busca do atual objeto de estudo (IBRAPSÍ) e sua relevância formativa a partir da década de 70. Com base nisso, não um modelo a ser replicado, mas a necessidade de manter a deriva e os espaços coletivos de construção de significado, outra marca da esquizoanálise.

A terceira história traz a prática da cartografia como um método e sua necessária articulação entre pesquisa e vida, contraponto e associação entre as práticas muitas vezes desérticas da Universidade e a experiência formativa no Instituto Félix Guattari. A partir disso, desenvolve-se um objeto de estudo: investigar as interferências positivas da esquizoanálise na formação em psicologia, tema extremamente relevante frente aos efeitos de uma formação individualizante e sua relação com a nova onda conservadora que assola o mundo. Finalmente, um exemplo mais visível, entre tantas outras sutis e indescritíveis da clínica esquizoanalítica, a abertura do *setting* e a circulação através de espaços abertos, conectando o público, as intervenções da cidade, da clínica e da política.

Pretendemos a partir da narrativa dessas experiências, expor as possibilidades de propor outras formas de fazer o trabalho clínico, de exercer a profissão, e o caráter inventivo e coletivo da esquizoanálise.

Bibliografia

- Baremlitt, G.F. (2010), *Introdução à Esquizoanálise*, (3ª ed.). Belo Horizonte, Brasil: Ed. Fundação Gregorio Baremlitt/Instituto Félix Guattari.
- Freire, P. (2016) *Pedagogia da Esperança* (23ª ed.). São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- Guattari, F. A transversalidade (2004a) In: *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida /S.P, Brasil: Idéias & Letras;
- Guattari, F. A transferência (2004b). In: *Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional*. Aparecida /S.P, Brasil: Idéias & Letras;

- Kupermann, D. (1996) Transferências cruzadas: uma história da Psicanálise e suas instituições. Rio de Janeiro, Brasil: Revan;
- Liberman, F., Lima, E. F. A. (2015), Um corpo cartógrafo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*. 19(52), 183-93. 13 de enero de 2019. doi: 10.1590/1807-57622014.0284
- Moraes, M.(2010) PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: M. Moraes e V. Kastrup. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro, Brasil: Nau Editora.
- Rodrigues, H. de B. C. e Souza, V. L. B. (1991) A análise institucional e a profissionalização do psicólogo. In: Saidon, O. e Kamkhagi, V. R.. *Análise Institucional no Brasil (2ª ed.)*. São Paulo, Brasil: Rosa dos tempos.
- Rodrigues, H.B.C. (2011) Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI) – 1978-199? In: Jacó-Vilela, A.M (org) *Dicionário Histórico de Instituições de Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: imago; Brasília, DF, Brasil: CFP, p. 60-61;
- Romagnoli, R.C. (2009). A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade*. 21(2), 166-173. 13 de enero de 2019. Recuperado de: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822009000200003&script=sci_abstract&tlng=pt
- Roudinesco, E. (1989) História da Psicanálise na França. Vol. 1 (1885 – 1939): A batalha dos cem anos. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editor.